



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS

MARIA DE FÁTIMA CAXIAS DO NASCIMENTO

A REPRESSÃO E A LIBERTAÇÃO SEXUAL PRESENTES NO CONTO “O
PERFUME DE ROBERTA”

GUARABIRA
2019

MARIA DE FÁTIMA CAXIAS DO NASCIMENTO

A REPRESSÃO E A LIBERTAÇÃO SEXUAL PRESENTES NO CONTO “**O
PERFUME DE ROBERTA**”

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao programa de Graduação
em Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de graduada em Letras Português.

Área de concentração: Literatura Brasileira
Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Willian Sampaio Lima
de Sousa

GUARABIRA
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244r Nascimento, Maria de Fátima Caxias do.
A repressão e a libertação presentes no conto " O perfume de Roberta" [manuscrito] / Maria de Fatima Caxias do Nascimento. - 2019.
34 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa , Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. O Perfume de Roberta. 2. Recalque. 3. Projeção. 4. Sigmund Freud. I. Título
21. ed. CDD 150

MARIA DE FÁTIMA CAXIAS DO NASCIMENTO

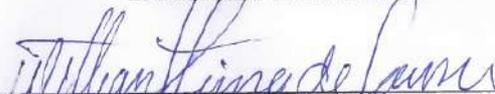
**A REPRESSÃO E A LIBERTAÇÃO SEXUAL PRESENTES NO CONTO O
PERFUME DE ROBERTA**

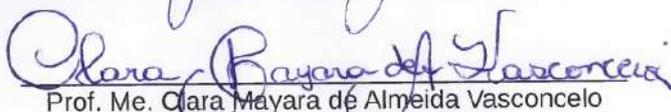
Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Português.

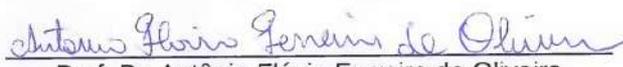
Área de concentração: Literatura Brasileira Contemporânea.

Aprovada em: 03/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meu pais, pela dedicação, companheirismo
e motivação, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelos livramentos e fortaleza durante esses anos, pois, se não fosse seu cuidado, não teria conseguido chegar até esse momento.

Agradeço a Willian Sampaio Lima de Sousa, coordenador do curso de Letras e orientador neste trabalho, por seu empenho, paciência, disponibilidade e conhecimento transmitido a mim na construção desta pesquisa.

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba, por todo o conhecimento transmitido.

Ao meu pai Miguel, à minha mãe Ozana, à minha irmã Flávia e a todos os familiares pela compreensão e motivação.

À minha amiga Tatyana e seus familiares, por terem me acolhido quando eu precisei e por terem influenciado positivamente na concretização desse sonho. Ainda agradeço aos amigos que conheci na carreira acadêmica, que me acompanharam e compartilharam todos os momentos ao meu lado.

Aos meus colegas de trabalho que transmitiram conhecimentos essenciais para o aprendizado e para a vida.

E, especialmente, ao meu amigo e namorado Wellington Antônio.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA APLICADA NO ESTUDO PROPOSTO .	8
3	CAPÍTULO 1: MAPEAMENTO DO TEMA NO CONTO EM ANÁLISE	10
4	CAPÍTULO 2: DISCUSSÃO DA REPRESSÃO (RECALQUE) E LIBERDADE (PROJEÇÃO) SEXUAL.....	15
5	CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA OBRA PELA PERSPECTIVA DA REPRESSÃO (RECALQUE) E LIBERDADE (PROJEÇÃO) SEXUAL DO PAI DE ROBERTA ..	21
6	CONCLUSÃO	26
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	28

Maria de Fátima Caxias do Nascimento¹

RESUMO

O presente trabalho tem como enfoque de pesquisa analisar o conto *O Perfume de Roberta*, do escritor Rinaldo de Fernandes, mediante os mecanismos de repressão/recalque e libertação/projeção sexual por parte do personagem principal da narrativa, que nesse caso, identifica-se como o pai da adolescente Roberta. Empregamos como aporte teórico, as contribuições do fundador da psicanálise, Sigmund Freud, e outros teóricos que apresentam concepções relacionadas aos determinados mecanismos constituintes da formação humana com base na sexualidade.

Palavras-chave: O Perfume de Roberta. Recalque. Projeção. Sigmund Freud.

ABSTRACT

The present work focuses on the analysis of the tale *O Perfume de Roberta*, by writer Rinaldo de Fernandes, through the mechanisms of reprimand/repression and release sexual projection by the main character of the narrative, which in this case identifies itself as the father of the adolescent Roberta. We use as theoretical contribution, the contributions of the founder of psychoanalysis, Sigmund Freud, and other theorists who present conceptions related to certain constituent mechanisms of human formation based on the sexuality.

Keywords: O Perfume de Roberta. Repression. Projection. Sigmund Freud.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende realizar uma análise da repressão (recalque) e libertação sexual (projeção) em “O Perfume de Roberta”, obra homônima que intitula uma das coletâneas de contos do escritor e crítico literário Rinaldo de Fernandes, publicada no ano de 2005. A narrativa tem em seu cerne evidentemente a descrição, reflexão e crítica social. A mesma possui um sentido literal quando faz menção ao título, visto que, o conto relata a vida de um advogado de classe média alta que vive

¹ Aluna de Graduação em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba
Email: mfatimacaxias@gmail.com

com sua esposa e sua filha Roberta, estes personagens vivem em um apartamento na cidade de São Paulo. O pai de Roberta utiliza a roupa e o perfume da mesma quando se relaciona sexualmente com uma moradora de rua em plena madrugada, atitude esta que faz o advogado realizar práticas consideradas contrárias aos seus ideais. O conto possui uma linguagem detalhista, característico da contemporaneidade e passível de uma investigação comportamental psicanalista.

Com base no comportamento do advogado, a repressão/recalque marca a vida de qualquer indivíduo, não por estar relacionada ao ato do sexo em si, mas a formação da identidade sexual, sendo identificado na evolução humana, ou seja, a repressão/recalque é estimulada ainda quando a criança descobre as fases psicosssexuais e nessa perspectiva são coagidas de acordo com os valores morais impregnados na cultura de origem. No conto em análise, a repressão (recalque) e libertação sexual (projeção) são visíveis a partir do comportamento do pai da adolescente, o mesmo não consegue controlar suas emoções psicológicas referente ao transtorno da histeria, como também, da motivação da libido, ambos sendo considerados motivadores da formação do inconsciente. Desse modo, esta pesquisa pretende observar como a repressão/recalque e libertação/projeção sexual são construídas na tessitura da narrativa, principalmente enviesado pelo comportamento do pai de Roberta.

Essa análise crítica será alicerçada nas contribuições de Sigmund Freud e outros teóricos pontuais que versam sobre repressão/recalque e libertação/projeção sexual. Freud é apontado como um dos pioneiros a pesquisar e expor constatações referentes a traumas psíquicos. Nessa perspectiva, Freud também faz uma interligação entre as fases correspondentes a sexualidade, a atribuição dos pais e a influência cultural diante de determinado assunto. Segundo os estudos do mesmo, o desenvolvimento da sexualidade é efetivamente responsável pelo comportamento emocional e psíquico, sendo, portanto, demarcador da vida humana.

2 JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA APLICADA NO ESTUDO PROPOSTO

De acordo com a leitura da coletânea de contos da obra *O Perfume de Roberta*, foi identificado uma exceção com relação às diferentes temáticas especificadas em cada conto do livro, em nosso caso, um pai que sente atração pela filha. Fundamentando-se nessa exceção de repressão (recalque) e libertação sexual

(projeção), definimos a narrativa homônima ao título da coletânea de contos como *corpus* desta pesquisa. Através da leitura e releitura das obras de Rinaldo de Fernandes, ficou evidenciado que a temática é única, ao mesmo tempo que pertinente quando relacionado ao comportamento psíquico, emocional e a influência do mesmo no desenvolvimento da trama.

A delimitação de análise está voltada para a repressão (recalque) e libertação sexual (projeção), pois visamos entender o porquê da prática do pai de Roberta em usar a roupa e o perfume da filha como método de satisfação no relacionamento sexual com a moradora de rua. Este fator está interligado ou converge para uma determinada atitude contrária aos valores culturais impregnados na sociedade. A partir dessa abordagem analítica é possível despertar uma reflexão acerca da formação de paradigmas impostos pelo meio comportamental e a motivação do mesmo na alteração constitutiva do indivíduo.

Por meio das contribuições teóricas do fundador da psicanálise Sigmund Freud, podemos explicitar minuciosamente a justificativa pela qual o pai de Roberta possui determinada postura. Baseando-se nos conceitos de recalque e projeção, entendemos que os distúrbios psicológicos são explicados através da formação humana integrada ao controle da sexualidade e o desenvolvimento das fases psicosssexuais. A moral sexual civilizacional intensifica as ocorrências de repressão ao mesmo tempo que ignora a possibilidade de libertação, provocando perversões no enquadramento de ideais sociais.

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico, portanto, todo material foi selecionado a partir da intensificação da leitura de livros e por meio de sites especializados da internet. Referente a narrativa em análise, focalizamos os estudos na compreensão do comportamento humano mais precisamente destacando a concepção psicanalista. Todos os textos foram lidos, fichados e analisados com base na perspectiva de repressão/recalque e libertação sexual/projeção correspondente ao conto "O Perfume de Roberta". Após esses passos preliminares, adentramos no exame analítico da obra com a finalidade de entender o problema supracitado: o comportamento do pai de Roberta. Observamos que essa é uma problemática recorrente na literatura/sociedade e quando discutida desperta uma diversidade de opiniões contrárias ao significado exposto.

Este exame analítico está desenvolvido em três capítulos. No primeiro capítulo deste estudo, produzimos o mapeamento dos contos presentes na obra *O Perfume*

de *Roberta*. Mediante esta esquematização, entendemos uma caracterização de singularidade voltada para o elemento sexual apenas na ficção homônima ao título da coletânea de contos de Rinaldo de Fernandes. A partir dessa compreensão, definimos o conto "O perfume de Roberta" como *corpus* dessa investigação analítica.

O segundo capítulo desta pesquisa concentra um debate teórico sobre os conceitos que balizaram a leitura analítica do *corpus*. Partindo desse viés, tomamos como principal contribuição as concepções teóricas de Sigmund Freud, precisamente os seguintes conceitos: recalque e projeção. Mediante estes dois conceitos, pretendemos um entendimento da construção da sexualidade referente aos desejos do pai de Roberta.

No terceiro capítulo desta pesquisa, desempenhamos uma apreciação analítica do objeto de pesquisa evidenciado anteriormente. Através deste estudo, identificamos artisticamente como o recalque/projeção estão arquitetadas na narrativa por meio da conduta adotada pelo pai da jovem. Com base nessa perspectiva, desenvolvemos uma reflexão crítica acerca da dualidade de posição social e motivação irracional perante as atitudes do personagem.

3 CAPÍTULO 1: MAPEAMENTO DO TEMA NO CONTO EM ANÁLISE

O livro *O Perfume de Roberta* é composto 18 (dezoito) contos. Uma das marcas predominante da coletânea de contos é a descrição urbana, Rinaldo descreve minuciosamente os espaços físicos, as grandes problemáticas enfrentadas pelos moradores das grandes cidades e os variados comportamentos e acontecimentos que podem ser evidenciados nos diversos espaços do território brasileiro.

A obra em análise é composta dos seguintes: *Ilhado*; *O cavalo*; *O mar é bem ali*; *A morta*; *Oferta*; *Duas margens*; *Negro*; *O último segredo*; *Passarinho*; *A poeira azul*; *Rita e o cachorro*; *O perfume de Roberta*; *Procurando o carnaval*; *Confidências de um amante quase idiota*; *Pássaros*; *Borboleta*; *A tragédia prima de Sílvia Andrade e Sariema*, cada qual representando perspectivas/críticas sociais de grande relevância.

A coletânea de contos é iniciada com o prefácio, em outras palavras, a exposição ou *spoiler* das narrativas que se fazem presente no livro analisado. O responsável por descrever a importância e relacioná-la com as escritas de Rinaldo é o romancista e contista Moacyr Scliar, o mesmo utiliza o termo "A arte do conto" para

expor e exemplificar as riquezas impregnadas na linguagem de *O Perfume de Roberta*.

A primeira narrativa intitulada de “Ilhado” compreende uma retratação da vida cansativa de trabalhadores que é de fato impulsionada pelo avanço do capitalismo, bem como da sociedade constantemente limitada ao individualismo. Ainda nessa perspectiva, é verificável que o conto é demarcador das mudanças constantes do comportamento humano quando relacionado ao que considera como bem coletivo, nesse caso, a superioridade da classe média com relação a classe baixa representada pela figura do mendigo e as condições de vida com as quais precisa sobreviver. Acrescido a isso, vê-se o fato de que a violência acontece frequentemente, muitas vezes sendo impulsionada por motivos banais e consolidadas por atitudes triviais, e como consequência da violência exacerbada, existe a fúria, a revolta daqueles que no princípio sofreram determinadas violências. Eis um conto que tem como marca a multiplicidade de sentimentos.

“O cavalo”, segundo conto da obra, é caracterizado pela crítica social relacionada a vida e aos cuidados relativos aos animais, bem como da importância e da relevância de sentimentos que podem estar presentes na relação humano/animal. Outro ponto de observação crítica é a condição dos relacionamentos nos dias atuais, destacando os casos de violência contra a mulher, sendo estes impulsionados por situações infundidas pelo próprio parceiro e que são consolidadas pelo cinismo que os mesmos possuem, neste mesmo pensamento observa-se a necessidade de haver fundamentos que estimulem a libertação dessas mulheres que muitas vezes são coagidas a condição de aprisionamento domiciliar.

O terceiro conto recebe o título de “O mar é bem ali”, neste é evidenciado a vida solitária de uma mulher, sendo esta narradora da trama, que sofreu grandes perdas durante sua vida, em que as mesmas são representantes da condição estável de vivência. Assim como no conto, é perceptível que inúmeras pessoas sofrem e vivem isoladamente por terem sofrido grandes percalços, o mais recorrente sendo o câncer, doença que já vitimou diversas pessoas e conseqüentemente diversas famílias. Além desse aspecto, é notável que assim como em “O cavalo”, a presença animal é essencial para impulsionar a libertação das pessoas que se sentem isoladas e posteriormente apresentam um quadro depressivo.

“A morta”, narrativa que constitui a coletânea de contos, traz como cerne o mistério e a ocultação motivacional de crimes, mais precisamente de crimes

relacionados a figura da mulher. É perceptível que este conto aborda uma questão relativa ao capitalismo e suas consequências na vida de trabalhadores, ocasionando determinadas posturas e comportamentos, é nessa perspectiva que podemos identificar uma característica que também se faz presente no conto "Ilhado".

O conto "Oferta" é a delineação dos acontecimentos relativos a prostituição infanto juvenil e o consentimento social mediante a satisfação de necessidades individuais, eis um conto que representa normalidade referente a esses atos e a repetição dos mesmos nos dias atuais. Acrescido a isso, mais uma vez identificamos uma crítica relacionada ao capitalismo, visto que esse sistema é responsável pela geração e disputa de marcas comerciais.

A sexta narrativa da obra, intitulada de "Duas margens" é marcada pela descrição da vida de mulheres que sofrem a traição de seus companheiros e que são de certa forma sujeitas a aceitarem as condições as quais são impostas, nessa mesma perspectiva realizam ações desconstruídas dos seguimentos morais impregnados na sociedade. A partir da análise desta narrativa, percebemos o quanto a traição conjugal é capaz de expandir a violência e alguns distúrbios psicológicos, sendo estes propagadores da repetição de determinados acontecimentos.

"Negro" é o sétimo conto da obra em análise, com base neste identificamos uma crítica social voltada para o preconceito racial e as oportunidades que são negadas aos que possuem a cor negra, neste âmbito concluímos que as consequências do preconceito racial são drasticamente acarretadas na vida dos que sofrem determinada violência psicológica, acrescido a isso, compreendemos a frequência com que as ocultações dessas pessoas são geradas nos variados contextos sociais.

O oitavo conto intitulado "O último segredo" evidencia a violência constante que ocorre nas periferias brasileiras, onde muitas mães sofrem as perdas de filhos, onde a sociedade trata os casos de morte como uma normalidade, onde há julgamento quando esses casos acontecem com jovens, sendo levados a pensar que a violência gerada é consequência de uma vida "errada", ou seja, contrária aos valores sociais.

"Passarinho" é o nono conto da obra analisada, diante deste observamos a retratação da vida de nordestinos que saem da sua região em busca de uma vida melhor na região metropolitana de São Paulo, mas que são surpreendidos com um estilo de vida diferente do que imaginavam, nessa perspectiva são sujeitos a

permanecer diante de determinada situação, pois não possuem estrutura e condições financeira suficiente para voltar as condições de vida da região nordeste.

A décima narrativa de *O Perfume de Roberta* intitulada de "A poeira azul" compõe complexidade de sentimentos e desafios. Ao mesmo tempo que traz a valorização da natureza, o conto proporciona um olhar crítico com relação as condições de vida dos que buscam uma vida melhor na metrópole São Paulo, incluindo a busca por emprego e a concorrência resultante do capitalismo, acrescido a isso, a narrativa traz a marca da traição conjugal, a revolta dos parceiros e a repetição desses acontecimentos como algo propício aos relacionamentos. Eis uma narrativa capaz de instigar a imaginação descritiva dos fatos e de todos os detalhes que fazem parte do contexto descrito.

"Rita e o cachorro" é um conto semelhante ao "O mar é bem ali", pois em ambos há a presença dos bichos de estimação na tentativa de evidenciar os sentimentos presentes dos personagens, nesses casos, os personagens se constituem na figura da mulher, sendo esta entendida como vítima de traição conjugal e de atitudes violentas por parte dos companheiros, ou seja, a relação da mulher/animal é vista como a "solução" para superar as adversidades emitidas através de relacionamentos. Ainda neste conto, há uma marca da migração como consequência da vida solitária dos que vivem nas grandes metrópoles, sendo neste caso, especificamente, a cidade de São Paulo.

"O Perfume de Roberta", conto escolhido como enfoque desta pesquisa e que faz menção ao título da coletânea de contos é identificado como uma narrativa única mediante a abordagem evidenciada. Trata-se da projeção sexual resultante da repressão, sendo estes mecanismos estudados pela psicanálise, neste caso estão vinculados a alteração de comportamento de um pai e advogado, onde o mesmo realiza práticas que fogem dos valores associados a figura que representa na sociedade. Ainda neste conto é visível a descrição dos ambientes e das pessoas que vivem em condições desfavoráveis nas grandes cidades, e é justamente a partir dessas condições que o pai da jovem consegue se relacionar com uma adolescente, tendo como "troca" a satisfação de prazer.

"Procurando o carnaval" é uma narrativa que apresenta uma crítica referente ao carnaval e todas as manifestações que fazem parte dessa data comemorativa, a repetição dos acontecimentos e a utilização de máscaras como instrumentos que

marcam determinado evento festivo, acrescido a isso, a narrativa traz em seu cerne a reflexão referente ao não seguimento das orientações impostas na sociedade.

“Confidências de um amante quase idiota” é marcado pela linguagem desnuda, carregada de canalhice e de certo machismo, através deste conto compreendemos o jogo de desejos impulsionados pela submissão sobre a figura da mulher e as práticas realizadas no sentido de possuí-las.

O décimo quinto conto da obra de Rinaldo recebe o nome “Pássaros”. Esse conto é marcado pela violência constante entre homens e mulheres que possuem ou que já possuíram um relacionamento amoroso, drasticamente há uma troca mediante as práticas relativas aos crimes ocasionados pela condição de não aceitarem novos relacionamentos, visando a ideia de instituir o poder sobre o outro, e ainda a frieza com que esses crimes são tratados.

“Borboleta” é o décimo sexto conto do livro *O Perfume de Roberta* e através de sua leitura identificamos uma forte crítica relacionada aos acontecimentos ocorridos, compreendendo os comportamentos e as relevâncias destinadas a alguns casos, nessa mesma perspectiva, percebemos que os episódios políticos e atrações musicais internacionais são fatos que tomam espaço e ganham notoriedade em uma sociedade que ainda sofre frequentemente inúmeros fatos de submissões relativas a condições de vida.

O penúltimo conto da obra em análise é intitulado de “A tragédia prima de Sílvia Andrade”, o mesmo é revelado como parte constituinte de um relato, compreendendo diversidade referente a fatos recorrentes da nossa sociedade, sendo eles, o respeito com e autonomia mediante a identidade sexual de cada indivíduo, destacando nesse caso a aceitação e iniciativa em se revelar como lésbica, acrescido a isso, destaca-se a frequência relacionada ao vício das drogas e as dificuldades encontradas por aqueles que tentam escapar desse contexto viciante, ainda possui em destaque o cotidiano e as lutas no que diz respeito ao meio universitário, tendo como relevância as questões políticas e a busca por direitos descritos na constituição, bem como, a recorrência na ocultação dos crimes que frequentemente acontecem e que são esquecidos.

O último conto da coletânea de Rinaldo é intitulado “Sariema”, tendo sido inspirado no texto “A hora e vez de Augusto Matraga”, do autor Guimarães Rosa. Observa-se que a figura da mulher é a parte que configura a ideia crítica dessa narrativa, visto que, a mulher que antes foi submetida pelo companheiro a viver em

condições desfavoráveis no contexto rural brasileiro, tem oportunidade e autonomia em escapar dessa imposição, ou seja, tem oportunidade em se vingar de quem a considerou limitada e vivenciar a experiência de superar o machismo, sucedendo-se a independência.

O livro *O Perfume de Roberta* é finalizado com um conjunto de comentários críticos que fazem uma descrição do entendimento particular de cada contribuinte. As considerações mencionadas são feitas pelos seguintes críticos: Mário Chamie, Nelson de Oliveira, José Castello, Tereza Andrade, Carlos Gildemar Pontes, Tércia Montenegro, Adriano Espínola, Carlos Ribeiro, Luiz Antonio Mousinho Magalhães, Ataíde Tartari, André Ricardo Aguiar e Sônia Lúcia Ramalho de Farias.

Como explicitado anteriormente, o conto em análise destoa dos outros 17 contos resumidos acima. A temática da narrativa é única no universo constitutivo de *O perfume de Roberta*. Por meio dessa especificidade, nos debruçaremos sobre o enredo do conto homônimo à obra em análise e buscaremos explicar o comportamento sexual do pai de Roberta.

4 CAPÍTULO 2: DISCUSSÃO DA REPRESSÃO (RECALQUE) E LIBERDADE (PROJEÇÃO) SEXUAL

Ao pensarmos sobre sexualidade, entendemos que existem diferentes concepções relativas ao estudo da mesma, pois se trata de um enfoque humano complexo de sentidos e passível de discussões e entendimentos críticos. A partir da escolha do *corpus* desta pesquisa, constatamos a relação entre a complexidade relativa ao conceito de sexualidade e das fases que as compõe, com as atitudes do personagem masculino presente no conto em análise. Assim como afirma Sigmund Freud (2006), tomando o ato sexual como foco essencial, automaticamente haverá uma limitação vinculada aos diversos aspectos que verdadeiramente integra o conceito de sexualidade.

[...] Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de 'sexual'. Talvez a única definição acertada fosse 'tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos'. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual (FREUD, 2006, p.309 Apud COSTA e OLIVEIRA, 2011, p.2).

A sexualidade é constituída desde os primeiros anos de vida, é justamente nessa fase que as crianças conseguem adquirir conhecimentos, bem como, alteração emocional, corporal e mental. Posteriormente, no hiato entre infância/fase adulta, algumas frustrações poderão ocasionar variados tipos de transtornos, como é o caso da repressão, recalque, projeção e liberdade sexual, conceituações que podem afetar ou afetam o comportamento do pai da jovem Roberta. Diante dessa problemática, vejamos o posicionamento de Ceccarelli (2012) sobre os conceitos acima citados:

[...] ainda que o recalque (*Verdrängung*) da sexualidade seja o movimento universal que marca o modo de circulação pulsional própria do humano, sendo a condição primeira para a existência do estado de cultura (4), a repressão (*Unterdrückung*) da sexualidade que se seguirá geradora da moral sexual é tributária do sistema de valores que sustenta o imaginário social. As origens deste sistema devem ser procuradas nos mitos fundadores da cultura em questão. E o lugar da sexualidade nos relatos mitológicos - pecado, culpa, responsável pela queda, fonte de prazer... - marcará profundamente as formações ideais e superegoicas responsáveis pelo modo como o sujeito vivencia, consciente e inconscientemente, sua sexualidade. (CECCARELLI, 2012, p.31)

Compreendemos que os mecanismos de defesa adquiridos na construção humana são utilizados em todos os momentos da vida, os mesmos são representantes das pulsões adquiridas desde a infância e detêm uma importância com relação a evolução emocional, psíquica e moral do sujeito. Como veremos posteriormente na obra em análise, recalque e repressão serão duas temáticas que balizarão o comportamento do personagem "Pedro", pois, este sente um grande desejo sexual pela filha, entretanto, sob o peso da censura psíquica, ele não rompe com padrões construídos na sociedade, ou seja, uma relação sexual entre pai e filha.

De acordo com Mattos (2012), vejamos o processo de estruturação dos mecanismos psicológicos que irão interferir no comportamento do advogado, personagem do conto em análise.

O id que seria uma dimensão inconsciente e originadora dos impulsos mais primitivos de sobrevivência, agressividade e sexualidade. O Superego que é o "depósito" de toda a moralidade conservada pela educação e influência cultural que recebemos. E por fim o Ego que irá administrar os impulsos vindos do id, negociar com as restrições do Superego e tentar se adaptar à realidade que o cerca. (MATTOS, 2012, p.1 Apud SOUZA, 2019)

Percebemos que os mecanismos de defesa da repressão e recalque são fundamentos de variáveis discussões, a perspectiva inicial e a progressão de ambos

é capaz de perpetuar complexidade de sentidos, o que muitas vezes influencia o acompanhamento analítico das capacidades psíquicas, corporal e emocional. Vejamos a caracterização de recalque e repressão.

[...]Recalque e repressão são termos que geralmente são considerados como sendo sinônimos. O que pode vir a gerar distorções em relação ao que se entende do conceito original dado por Freud. Para Isotton (2002, p.2), no entanto estes apresentam diferenças minuciosas que precisam ser entendidas, o que exige a verificação cuidadosa das definições atribuídas a essas terminologias. (SOUZA, 2019)

Tomando como fundamento distintivo entre a repressão e o recalque, constatamos que o mecanismo de defesa direcionado ao recalque tem como finalidade conservar no inconsciente os pensamentos e possíveis pulsões apontadas como contrárias aos ideais sociais, estes que, por sua vez, são capazes de constituir as morais individuais e que fazem parte da essência do Ego, assim como afirma Souza (2019):

Na visão de Hans (1996, p.179) o recalque é o mecanismo que mesmo não dispondo de força suficiente para expulsar as fontes das pulsões do aparelho psíquico, ele faz com que elas retornem ao inconsciente, retirando-as do centro da consciência. Esse mecanismo se mantém existente e necessário, pelo fato de que as pulsões ao serem recalçadas, continuam em constante movimento objetivando obter o acesso a consciência. Portanto a função do recalque é investir energias capazes de manter o objeto recalcado na esfera do inconsciente. (SOUZA, 2019)

Mediante os mitos interligados a moral sexual da cultura ocidental, identificamos que há um aumento relacionado ao desenvolvimento de casos voltado à repressão que, por sua vez, é capaz de instituir o recalque, visto que estes sofrem alterações a partir da perspectiva libidinal e que posteriormente apresenta influência às pulsões, como propõe Ceccarelli (2012):

[...] Os ideais da nossa cultura, assim como as bases do discurso que define nossa visão de mundo, encontram suas origens no imaginário da cultura ocidental, cujas fontes remontam aos mitos fundadores descritos na Bíblia. [...] A repressão sexual que se segue ao recalque, já o dissemos, é tributária do sistema de valores que sustenta o imaginário social que, por sua vez, guarda estreita ressonância com os mitos de origem da sociedade em questão. (CECCARELLI, 2012, p.32)

As pulsões instintivas da libido geradas pelo mecanismo da repressão configuram-se como marcas nas fases da personalidade humana, ou seja, entendemos que esse mecanismo é capaz de perpetuar progressivamente na evolução comportamental do indivíduo. É compreensível que o mecanismo citado é fortalecido pelo conceito do consciente e pré-consciente, podendo ser incorporado a estrutura do Ego, assim afirmam (LAPLACHE; PONTALIS Apud ISOTTON, 2001, p.4 Apud SOUZA, 2019):

[...] a repressão é uma operação do aparelho psíquico que faz desaparecer uma ideia ou um afeto, na maioria das vezes desagradáveis, da consciência. Essa operação é realizada no espaço consciente e irá direcionar o material que deve ser reprimido para o pré-consciente. A atuação ocorre no campo da 'segunda censura', situada por Freud entre o consciente o pré-consciente. Para Freud não há como o afeto ser alojado no inconsciente, ou se torna outro afeto ou é reprimido.

Ainda pensando nas abordagens relacionadas a repressão, percebemos que existem argumentos voltados para a concepção de que esse meio está mantido através do inconsciente e que a partir dessa condição, os pensamentos são constantemente assimilados e acabam provocando maior desgaste psíquico no indivíduo por si só, como também na relação do mesmo no meio social.

O estado em que as idéias existiam antes de se tornarem conscientes é chamado por nós de repressão, e asseveramos que a força que instituiu a repressão e a mantém é percebida como resistência durante o trabalho de análise. (IBIDEM, p. 27 Apud CARNAÚBA, 2009, p.123)

Por meio dessa discussão, percebemos que o recalque é um conceito da psicanálise que "protege" o sujeito em não quebrar regras sociais. Vemos esse fenômeno no texto em análise e pontuamos que esse conceito pode nos ajudar no momento analítico da obra, pois o pai de Roberta age em consonância ao que rege os desdobramentos teóricos. O princípio desse mecanismo encontra-se firmado no inconsciente, estabelecendo apenas a função de controlador das pulsões, pois não possui estrutura suficiente para exercer o papel de destruidor.

Vejamos mais um esclarecimento sobre o conceito de recalque:

[...]o recalque é o mecanismo que mesmo não dispondo de força suficiente para expulsar as fontes das pulsões do aparelho psíquico, ele faz com que elas retornem ao inconsciente, retirando-as do centro da consciência. Esse

mecanismo se mantém existente e necessário, pelo fato de que as pulsões ao serem recalçadas, continuam em constante movimento objetivando obter o acesso a consciência. Portanto a função do recalque é investir energias capazes de manter o objeto recalçado na esfera do inconsciente. (HANS, 1996, p.179 Apud SOUZA, 2019)

Baseado nesse entendimento, Souza acrescenta:

Portanto trata-se de um mecanismo que ocorre de forma constante no aparelho psíquico de um indivíduo, uma vez que a sua ação não é capaz de destruir o objeto das pulsões, mas sim apenas exerce um certo controle sobre as mesmas. Isto porque ele mantém os objetos pulsionais em uma espécie de prisão, no entanto esta não possui recursos necessários para que esses objetos sejam banidos permanentemente, ao contrário, apresenta-se em uma estrutura frágil que pode ser rompida a qualquer momento, permitindo assim que o que fora parcialmente banido da consciência possa voltar a mesma, ou seja, retorna em um novo formato, e que em função de sua nova forma, este não venha a ser reconhecido pelo ego, vindo então a se manifestar, e é quando se dá a produção dos sintomas. (SOUZA, 2019)

O recalque assim como a repressão são instituídos desde a infância mais precisamente quando acontece o desenvolvimento das fases psicosssexuais. Por meio dessa noção é compreensível que existe evolução referente a prática do mecanismo recalque, dessa forma, atentamos para a etapa do recalque primário, recalque secundário e o retorno do recalçado, cada qual apresentando significação sobre o progresso psíquico.

Nesse sentido o aparelho psíquico do sujeito vai se formando ao longo de seu desenvolvimento físico, e por isso esse mecanismo de defesa não nasce operante, mas torna-se funcional quando as três esferas do aparelho psíquico já se encontram estruturadas, é quando o sujeito já se torna capaz de ter noção do que está a sua volta, de como funciona o mundo do qual ele faz parte, em todos os seus aspectos, e é a partir da obtenção desse senso que o mecanismo de defesa do recalque começa a operar colocando-se enquanto defensor do aparelho psíquico com a finalidade de evitar o sofrimento psicológico do sujeito, em virtude das pulsões estimuladas pelo mundo externo. (SOUZA, 2019)

A esse respeito Souza afirma:

Freud *apud* Carnáuba (2013, p.20) determina que o mecanismo do recalque opera em três fases distintas, as quais são: o recalque primário ou original, o recalque secundário ou o recalque propriamente dito e o retorno do recalçado. (FREUD Apud CARNAÚBA, 2013, p.20 Apud SOUZA, 2019)

Englobando o conjunto de mecanismos dispostos pelo psiquismo humano, há o mecanismo da projeção, sendo este representante da liberação das pulsões instituídas pela repressão, assim como acontece no desenrolar da narrativa de análise desta pesquisa, sendo precisamente quando o pai da jovem se relaciona com Ana Rita com o objetivo de satisfazer seus desejos sexuais direcionados à filha Roberta.

Vejamos um esclarecimento sobre projeção:

A teoria psicanalítica de Freud utiliza a projeção em dois momentos distintos, embora seja de maneira continuada. Freud fala da projeção como um mecanismo de paranóia, usa o termo para explicar a repressão nos sintomas histéricos, na manipulação das resistências e da transferência que permite o tratamento dos sintomas. Desse modo, a projeção se manifesta por intermédio dos sintomas, aquilo que foi reprimido se manifesta na personalidade do sujeito de forma projetiva, para defender a consciência da repressão e libertar aquilo que está reprimido. No correr da obra, Freud explica mais detalhadamente os mecanismos de projeção, definindo-a como uma percepção interna que é reprimida e é substituída por outras formas de manifestação. O conteúdo, após sofrer certas deformações, chega à consciência sob a forma de uma percepção provinda do exterior. (ANASTASI & URBINA, 1996; CUNHA, 2000 Apud FONSÊCA e MARIANO, 2008).

No contexto relativo ao extravasamento das pulsões é evidente que a projeção ou liberação, também considerada como sublimação, são os mecanismos responsáveis e constituintes de determinada capacidade. As apresentações desses métodos são exemplificadas a partir de comportamentos que regem a aceitação moralista da sociedade, principalmente no que diz respeito a cultura ocidental, a qual somos formadores. Mediante essa perspectiva, a “[...] *projeção* consiste em atribuir a outros as ideias e tendências que o sujeito não pode admitir como suas. [...] *sublimação* é a satisfação de um impulso inaceitável através de um comportamento socialmente aceito. [...]” (VALE, 2018)

Através das constatações, elucidamos que a sexualidade relacionada ao comportamento humano e suas capacidades, representam um complexo de entendimentos ao mesmo tempo que geram variados questionamentos, consolidando determinados pontos, atentamos a essencialidade dos mecanismos de defesa, bem como, as demarcações causadas pelos mesmos.

Toda essa discussão teórica é significativa, pois selecionamos quatro categorias da psicanálise (repressão, recalque, libertação e projeção) que viabilizam o nosso estudo. As ações do pai de Roberta podem ser analisadas por meio dos conceitos anteriormente citados. Desse modo, a teoria elencada para o exame

analítico da obra permite observar a tessitura do conto selecionado como *corpus* e o grau elevado de sua composição artística.

5 CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA OBRA PELA PERSPECTIVA DA REPRESSÃO (RECALQUE) E LIBERDADE (PROJEÇÃO) SEXUAL DO PAI DE ROBERTA

Reafirmando o que foi dito anteriormente, “O Perfume de Roberta” é a narrativa homônima ao título da coletânea de contos do escritor contemporâneo Rinaldo de Fernandes. Ao mesmo tempo que o conto é caracterizado pela descrição urbana da metrópole São Paulo, a obra também apresenta uma temática referente aos mecanismos da repressão/recalque e libertação/projeção mediante o comportamento humano e a satisfação sexual.

O enredo do conto aborda uma problemática significativa e que destoa dos outros contos da coletânea: um advogado de classe média, pai da adolescente Roberta que se relaciona com uma moradora de rua (a qual possui a mesma idade de sua filha). O título da narrativa é concebido por meio de um evento singular presente no conto: a utilização da roupa e do perfume de Roberta por parte do pai como forma de satisfação na relação extramatrimonial com Ana Rita. Este fato ocorre nas madrugadas e evidencia uma prática culturalmente contrária ao modo como um advogado deve tecer seu comportamento. Outro fator que devemos destacar: os encontros noturnos ocorrem por meio do “suborno” oferecido ao porteiro do apartamento onde vive o advogado, como forma de esconder sua aventura sexual noturna.

Ao iniciarmos nossa análise do conto, observamos primariamente que o personagem protagonista da narrativa possui desejo sexual pela filha e que esse desejo é reprimido conforme a não aceitação cultural de relacionamentos sexuais por parte de pais e filho/as. O comportamento e a atitude em buscar satisfação sexual com a moradora de rua é explicado através dessa repressão instituída pelas normas sociais. Todo processo de preparação para a saída de Pedro só é concluído quando o mesmo revela seu desejo reprimido.

[...] Me levanto devagar, tateando no escuro. Vou ao quarto de minha filha, abro o guarda-roupa com cuidado, apanho a roupa e o perfume dela. Entro no banheiro, escovo os dentes, me visto e me penteio. Chego até a cozinha, pego um saco de supermercado, faço um pacote com o casaco, a calça e o

perfume de Roberta. Antes de sair, ainda me encosto um pouco na porta do quarto, fico escutando-a dormir. (FERNANDES, 2005, p.107)

Primeiramente, podemos destacar o recalque presente no comportamento do pai. Há uma espécie de censura moral que irá impedi-lo de atentar contra sua própria filha. Um elemento relevante neste caso é a profissão do pai, o mesmo é advogado, este fator, possivelmente, instaura um padrão de conduta que amplifica o processo de censura psíquico. Entretanto, observamos um descuidado “moral” quando há uma necessidade de extrapolar o desejo reprimido. Façamos uma discussão sobre esse ato de libertação.

A projeção/libertação é demarcadora das atitudes do pai de Roberta. Conforme necessidade de liberação do desejo inconsciente do pai da adolescente, o advogado inicia sua sequência de condutas contrárias moralmente à sua atribuição de advogado, e como já foi mencionado, a primeira atitude é observada mediante o silêncio do porteiro referente as suas saídas semanalmente nas madrugadas.

Desço para a garagem do prédio, pego o carro. São duas e cinco. Quando vou passando pelo portão, percebo que o porteiro cochila na guarita envidraçada, mas logo desperta, me acena. Já conversei com esse porteiro, dei dinheiro para ele ficar calado se alguém lhe perguntar se saio a essa hora. (FERNANDES, 2005, p. 107)

A cobiça pela filha pode está confinada no inconsciente, ou seja, ela é parte constituinte do mecanismo de repressão, como afirma Souza (2019), mas o ato sexual com Ana Rita é uma ação consciente e possibilita saciar o desejo / inquietação do pai por Roberta. Vejamos um trecho do conto que nos permite visualizar o comportamento libertador do pai de Roberta.

[...]Sento-me numa mesa de fora, eu tremo. O garçom me traz conhaque, bebo molhando os lábios. Eu tremo, sempre fico assim quando venho. Noto que eles estão lá, embolados embaixo dos cobertores, e hoje por ali parece mais escuro. É sempre um pouco difícil eu andar para perto deles, fazer o reconhecimento. [...]Ela tem os cabelos caindo pelo pescoço e eu tremo. [...]Ela fica observando as luzes laranjas do painel do carro, de vez em quando me olha de lado. Eu tremo. [...] (FERNANDES, 2005, p.108,109)

Nesta citação, observamos o momento em que o advogado está próximo de alcançar sua meta, ele teme. O medo pode ser lido de duas formas diferentes: O ambiente em que a garota está ou o temor psíquico de uma ruptura moral. A libertação da repressão sexual enraizada no consciente, assim como mencionado acima, faz

com que Pedro, nome fictício do pai de Roberta, alcance uma forma de libertação das amarras psíquicas e concretize um desejo reprimido, mas com outra parceira.

Mesmo com todo o duplo temor, o advogado vai em busca da satisfação sexual. Abaixo, vejamos o momento em que a moradora de rua é levada pelo pai de Roberta para o motel.

[...] Lá na frente, na coluna com o olho desenhado com tinta preta, é onde ela costuma ficar. As duas criaturas de sempre – duas velhas de cabelos duros, empoeirados – estão ali perto dela. Já disse para ela ficar adiante, na parte mais clara e sem ninguém, tanto lugar mais apropriado nessa cidade. Ela falou que só fica agrupada. Me aproximo, olhando pros lados. Ela está na penumbra e, após ir e voltar duas vezes, fingindo ler os cartazes nas colunas, me abaixo sobre o corpo dela, puxo-lhe o cobertor. [...] Enquanto ela arruma os cabelos, põe o cobertor e uns panos numa mochila, vou até o Jumbo, pego o carro. Sigo, dobro a primeira esquina, entro numa rua suja, os bagaços de frutas nas calçadas, e venho apanhá-la. [...] (FERNANDES, 2005, p.108-109)

Com base no extrato acima, ainda partindo do desejo repreendido, fica bem claro que todo planejamento feito por Pedro, para se relacionar com a moradora de rua, é alicerçado na cobiça por Roberta. A liberação dessa repressão, só será plenamente alcançada quando os objetos utilizados por Ana Rita (roupa e perfume) estiverem adornando a jovem moradora de rua. Por meio desta perspectiva, a fantasia por Roberta continua sendo firmada. A ligação entre o que foi repreendido e a forma como é projetado torna-se a marca permanente desta narrativa. Vejamos a narração do banho da garota, os pensamentos do pai idealizam a própria filha. De acordo com os princípios teóricos descritos anteriormente, podemos observar o princípio da projeção.

[...] Ela fica bem nessa roupa de Roberta. [...] Ela tem as coxas apertadas na calça de Roberta – e permanece calada. [...] Pego-lhe de novo na mão. O perfume de Roberta (ela manuseou o frasco) penetrou na sua pele, deixou-a agradável. Levo a mão dela ao nariz, beijo-a. [...] Ela vai, entra no chuveiro, eu levo-lhe o perfume. [...] Ela sai do banho nua, os cabelos molhados parecendo os de Roberta quando mais nova. (FERNANDES, 2005, p.109, 110).

Destaquemos que o princípio de projeção pode ser visualizado de duas formas levando em consideração a perspectiva do advogado: 1) projetar em um pai e em uma filha o seu desejo reprimido; 2) projetar ou idealizar uma figura visando expurgar os próprios sentimento reprimidos. (ANASTASI & URBINA, 1996; CUNHA, 2000 Apud

FONSÊCA e MARIANO, 2008). O processo de projeção do advogado faz menção ao segundo caso.

As ações comportamentais e morais realizadas pelo pai da adolescente fogem dos parâmetros instituídos pela sociedade, e mesmo consciente dessas ações comprometedoras, Pedro não se limita as práticas e ainda relata tais atitudes como uma certa normalidade.

[...]Estive viajando – minto. [...] eu falei pra ela que me chamo Pedro. [...] O gerente da transportadora me mandou ao Rio – minto de novo, não trabalho em transportadora. [...]Se Roberta acordar (ela e a mãe nunca acordam!) durante as minhas saídas, eu vou dizer que fui dar uma passada no escritório, estava sonhando que tinham arrombado de novo. [...]Eu também posso dizer que fui apanhar as pastas de uns inquilinos que esqueci no escritório[...] (FERNANDES, 2005, p.109, 110,111).

No processo de libertação, todo um arsenal de desculpas é criado visando esconder o seu duplo desvio moral.

A libertação sexual é tão necessária para expurgar o desejo que foi repreendido, pois observamos que o pai da adolescente Roberta tenta agradar a moradora de rua, Ana Rita, para que a mesma continue disponível nas madrugadas. Por este prisma, podemos conjecturar um desejo ardente pela filha, pois o advogado permanece projetando o desejo que ele tem pela filha em Ana Rita, ou seja, expurga o sentimento criminalizado psicologicamente e no âmbito sociocultural.

Vejamos um outro elemento significativo na construção do processo de libertação das leis socialmente construídas e psicologicamente aceitas de modo tácito. No fragmento abaixo, o objeto de projeção é uma moradora de rua.

Resolvo levá-la para uma lanchonete na Lapa, paro num beco. [...]Eu compro alguns CDs por mês. Sei que ela gosta do Salgadinho, mas não tenho nenhum CD do grupo dele. Ponho um outro grupo de pagode. [...]Na terceira noite tive a idéia de levar a roupa e o perfume de Roberta para ela poder sair comigo, ir a um restaurante discreto. E, assim, ficamos saindo às quartas-feiras, de madrugada, depois que Roberta e a mãe caem no sono pesado (claro, sempre trago a roupa e o perfume de volta).[...] (FERNANDES, 2005, p.110, 111)

No fragmento em análise, podemos observar que o ato de libertação sexual está vinculado ao aproveitamento de uma jovem de uma classe social menos favorecida. Destaquemos um fator preponderante, o advogado poderia realizar suas

fantasias com uma garota de programa ou qualquer outra mulher, mas, o foco de Pedro é uma garota semelhante aos traços físicos de sua própria filha. Não é uma questão de traição referente à sua esposa, mas um desejo ardente pela própria filha. Para isto, ele recorre ao grupo social menos favorecido e provavelmente, ao presentear Ana Rita, sente um certo grau de compensação.

O raciocínio desenvolvido acima é vislumbrado na citação abaixo.

Sei que ela me espera porque tem fome. E é também por isso que não perco tempo e, fechando a curva de vez, entro no motel.[...]Ela veio, se aproximou, pediu-me um prato de comida, eu numa mesa de fora, sem ninguém por perto. Desde esse momento fiquei inquieto, achei-a uma garota muito bonita para aquilo. Ela ali, me pedindo um prato, os seios furando a blusa descosturada entre os botões. Ela ali, uma quase, me pedindo. Eu não pude suportar.[...]me debruço sobre o seu corpo, ela comendo com sabor, eu tomando-a pelo busto, ela mordendo o frango, eu já duro, roçando-me nas costas dela, ela dizendo espera aí, deixa eu comer primeiro, eu lambuzando-a com o meu líquido[...]Ana Rita mastigando e eu me enfiando embaixo dela, ela mastigando e eu me enfiando embaixo dela, ela mastigando e já sentada em mim e eu penetrando-a fundo de novo, ela mastigando, eu fungando, ela mastigando, eu fungando, e afinal gozando[...] (FERNANDES, 2005, p.110,111,112,113)

A descrição da cena de sexo entre os personagens é brutal e explícita os desejos distintos da jovem e do advogado expostos anteriormente. Ana Rita visa saciar sua fome, para isso, vê uma possibilidade na figura de Pedro. Em oposição ao desejo da jovem, o advogado traz consigo todo um aparato de recalque/repressão/projeção/libertação sexual. O ato de saciar concernente ao advogado está repleto de rupturas psíquicas e socioculturais. O afã em concretizar o ato sexual está arraigado no princípio do recalque, pois, há um enorme sofrimento que enseja o princípio da repressão. Toda a carga psicológica da impossibilidade é despejada em Ana Rita.

Como afirmamos anteriormente, no pensamento de Pedro, há uma troca entre os participantes do ato sexual, isto pode aliviar qualquer culpabilidade do advogado. Destacamos que toda essa ação é proveniente de um narrador em primeira pessoa, deste modo, temos acesso direto ao pensamento e desejo do personagem em questão.

Mediante os esclarecimentos supracitados, podemos observar como os conceitos teóricos da psicologia/psicanálise podem auxiliar no processo de análise de uma obra literária. No caso particular dessa análise, uma patologia que pode ser

visível na sociedade em geral é concebida em um texto literário, ou seja, provoca o leitor em busca de explicações concernente ao comportamento humano.

Mediante a análise da narrativa que constitui o *corpus* desta pesquisa, verificamos que o mecanismo de libertação/projeção é oriundo da repressão/recalques, ou seja, toda uma construção artística evoca todos esses sentimentos e possibilita ao leitor visualizar um problema sociocultural/patológico que é uma barreira na sociedade, porém, neste caso, por intermédio da literatura. A literatura é um fenômeno estético, mas aborda uma série de temáticas que transcende o fator estético e permite ao leitor uma discussão sobre a ética. "O perfume de Roberta" é um texto que permite essa discussão.

6 CONCLUSÃO

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou um estudo analítico voltado para as marcas da repressão/recalque relacionados com a libertação/projeção sexual na conduta do pai de Roberta mediante o desejo que o mesmo possui pela filha. Para consolidar determinado aprofundamento partimos de uma análise bibliográfica com o intuito de viabilizar como são instituídos e porque existem casos recorrentes mediante aos desejos sexuais ditos como inaceitáveis.

Ao observarmos os mecanismos de defesa instituídos pela sexualidade no *corpus* desta pesquisa, entendemos a influência dos mesmos mediante as atitudes comportamentais relacionados aos segmentos sociais, sendo estes demarcadores da formação humana.

Através da análise do conto, foi possível identificar o porquê e como os desejos sexuais ditos como inaceitáveis são incorporados nas relações de convívio, de tal modo que venha despertar os diversos pontos de estudo e análise. Evidentemente compreendemos a intensidade relativa as atitudes repreendidas e as ações projetadas.

Freud, sendo o precursor dos estudos voltados a sexualidade e toda sua complexidade, nos mostrou o quanto é necessário realizar um aprofundamento no que diz respeito a formação e o percurso humano mediante as fases sexuais e os segmentos regidos pela sociedade, principalmente entre alguns grupos sociais e a cultura de origem. Através de suas concepções, outros teóricos contribuíram

efetivamente para o entendimento e discussão acerca dos mecanismos de defesa e todo processo relativo a suas manifestações por meio de ações sexuais.

Verificamos que diversos fatores constituintes do *corpus* desta pesquisa compõe a complexidade relativa aos mecanismos de defesa em diferentes contextos e situações, e a partir deste trabalho analítico percebemos o quanto é essencial voltarmos o olhar para as concepções destinadas a formação da sexualidade.

Mediante as discussões abordadas, evidenciamos uma relação entre as teorias e o objeto analítico deste estudo, pois os mecanismos psicosexuais possuem caráter representativo diante de acontecimentos associativos à capacidade de aceitação social e a formação psíquica do indivíduo.

Vale salientar que a unicidade referente ao objeto de análise destacado neste trabalho é essencial para direcionar pensamentos críticos voltados para a formação psíquica e social do sujeito e toda complexidade relacionada à sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Rossana Tavares de. **A VIOLÊNCIA NOS CONTOS A MAGIA DOS EXCESSOS E O PERFUME DE ROBERTA**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **MITOS, SEXUALIDADE E REPRESSÃO**. Psicanálise e linguagem mítica/artigos. São Paulo, 2012.

COSTA, Elis Regina da. OLIVERIA, Kênia Eliane de. **A SEXUALIDADE SEGUNDO A TEORIA PSICANALÍTICA FREUDIANA E O PAPEL DOS PAIS NESTE PROCESSO**. Universidade Federal de Goiás: Revista eletrônica do curso de Pedagogia do Campus Jataí, 2011.

FERNANDES, Rinaldo de. **O Perfume de Roberta**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MARCUSE E A PSICANÁLISE:MAIS-REPRESSÃO E PRINCÍPIO DE DESEMPENHO

Maria Érbia Cássia Carnaúba. Universidade Estadual Paulista –UNESP Revista.doc| ISSN 1982-8802Ano X | nº 7 | Janeiro/Junho 2009. Disponível em < <https://docplayer.com.br/13103676-Marcuse-e-a-psicanalise.html> >. Acesso em 16 Abr 2019.

SOUZA, Reginaldo Silva. **A Repressão e o Recalque na Psicanálise**. . Edição 02/2019. Disponível em < <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/a-repressao-e-o-recalque-na-psicanalise> >. Acesso em 8 Abr 2019.

VALE, Inácio José do. **A teoria Psicanalítica Freudiana**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em < <https://psicanalise682.wordpress.com/2018/06/10/a-teoria-psicanalitica-freudiana/> >. Acesso em 16 Abr 2019.

ANEXO

ANEXO I – CONTO “O PERFUME DE ROBERTA”

O perfume de Roberta

Acordo de madrugada com a mão segurando o seio de minha mulher. Está escuro, apenas um fiozinho de claridade vindo do quarto de minha filha Roberta e entrando por baixo da porta. Minha mulher se vira quando sente minha mão apalpando-a. Mas não acorda, tosse e estala a língua. Me levanto devagar, tateando no escuro. Vou ao quarto de minha filha, abro o guarda-roupa com cuidado, apanho a roupa e o perfume dela. Entro no banheiro, escovo os dentes, me visto e me penteio. Chego até a cozinha, pego um saco de supermercado, faço um pacote com o casaco, a calça e o perfume de Roberta. Antes de sair, ainda me encosto um pouco na porta do quarto, fico escutando-a dormir.

Desço para a garagem do prédio, pego o carro. São duas e cinco. Quando vou passando pelo portão, percebo que o porteiro cochila na guarita envidraçada, mas logo desperta, me acena. Já conversei com esse porteiro, dei dinheiro para ele ficar calado se alguém lhe perguntar se saiu a essa hora. Vou pelas ruas meio escuras de Perdizes, desço a Monte Alegre, em pouco tempo caio na São João. A madrugada está fria e mantenho os vidros do carro levantados, as portas travadas. Há poucos carros parando nos faróis e alguns bares ainda estão abertos. Dou voltas e, depois que cruzo a Angélica, vou parando, encosto o carro na calçada do bar e restaurante Jumbo. Sento-me numa mesa de fora, eu tremo. O garçom me traz um conhaque, bebo molhando os lábios. Eu tremo, sempre fico assim quando venho. Noto que eles estão lá, embolados embaixo dos cobertores, e hoje por ali parece mais escuro. É sempre um pouco difícil eu andar para perto deles, fazer o reconhecimento.

— Cobra aqui — chamo o garçom.

Recebo o troco, estiro uma gorjeta pra ele, saio pela calçada. Atravesso a praça Marechal Deodoro, alguns deles estão nos canteiros de terra em torno de uma fogueira. A fumaça sobe rala para as janelas dos edifícios. No farol, vou para o outro lado da rua, ando por baixo do Minhocão. Vou passando pelos corpos deitados no chão, os cobertores arroxeados, um pé de fora com nódoas. Confiro dez corpos nesse trecho. Lá na frente, na coluna com o olho desenhado com tinta preta, é onde ela costuma ficar. As duas criaturas de sempre — duas velhas de cabelos duros,

empoeirados — estão ali perto dela. Já disse para ela ficar adiante, na parte mais clara e sem ninguém, tanto lugar mais apropriado nessa cidade. Ela falou que só fica agrupada. Me aproximo, olhando pros lados. Ela está na penumbra e, após ir e voltar duas vezes, fingindo ler os cartazes nas colunas, me abaixo sobre o corpo dela, puxo-lhe o cobertor. Ela arregala os olhos, ergue a cabeça.

— Ai, que susto! — diz.

Ela tem os cabelos caindo pelo pescoço e eu tremo.

— Vamos — digo.

Enquanto ela arruma os cabelos, põe o cobertor e uns panos numa mochila, vou até o Jumbo, pego o carro. Sigo, dobro a primeira esquina, entro numa rua suja, os bagaços de frutas nas calçadas, e venho apanhá-la. Ela entra calada no carro, seguro-lhe a mochila, empurro-a no banco de trás.

Atravesso a Mário de Andrade um pouco rápido, preciso ganhar tempo. Ela continua calada e eu ponho um CD. Ela fica observando as luzes laranjas do painel do carro, de vez em quando me olha de lado. Eu tremo. O nevoeiro toma as ruas, encobre os edifícios, o arco cinzento do viaduto.

— Está frio, não? — digo.

— Sim — ela tosse.

Eu olho para as coxas dela na calça de moletom amassada, para o busto bem feito. A face fina agora iluminada pelas luzes altas dos postes. O blusão verde com o zíper arrebitado.

— Por que tu não veio na semana passada? — ela quer saber.

— Estive viajando — minto.

Aperto um pouco o acelerador, desço na Marginal Tietê. As águas do rio refletem as luzes amarelas das pontes, uma lua manchada sobre os prédios do Limão. Entro na rua estreita, onde há o terreno baldio ao lado do velho depósito em construção. Paro em frente ao depósito, meto a mão embaixo do banco, apanho o pacote com o casaco, a calça e o perfume de Roberta. Passo-lhe o pacote, ela desce calada do carro, caminha na direção do depósito, vai para detrás de uma parede. Fico observando pelo retrovisor se aparece alguém. Em poucos minutos ela surge da penumbra, vestida na roupa que eu trouxe, a que estava usando no saco. Entra no carro, o frasco de perfume no bolso do casaco. Ela fica bem nessa roupa de Roberta.

Resolvo levá-la para uma lanchonete na Lapa, paro num beco. Quando encostamos no balcão, ao fundo, o senhor moreno diz que não atende mais, já está

fechando. Voltamos para o carro. Vou, mergulho novamente na Marginal Tietê. O trânsito está livre, mas ainda circulam muitos carros a essa hora. Corre um vento, os matos entre a pista e o rio se torcem. Aperto de leve a mão dela.

— Tudo bem com você? — pergunto.

— Tudo, Pedro — eu falei pra ela que me chamo Pedro.

Eu compro alguns CDs por mês. Sei que ela gosta do Salgadinho, mas não tenho nenhum CD do grupo dele. Ponho um outro grupo de pagode. Ela tem as coxas apertadas na calça de Roberta — e permanece calada. Os olhos brilham nessa madrugada nevoenta. A cidade está embaçada, o Tietê está embaçado.

— Esse rio fede, não? — eu digo.

— É.

Pego-lhe de novo na mão. O perfume de Roberta (ela manuseou o frasco) penetrou na sua pele, deixou-a agradável. Levo a mão dela ao nariz, beijo-a. Ela parece contente.

— Semana passada fiquei te esperando — diz.

— O gerente da transportadora me mandou ao Rio — minto de novo, não trabalho em transportadora.

Sei que ela me espera porque tem fome. E é também por isso que não perco tempo e, fechando a curva de vez, entro no motel. Quando chegamos à meia-luz do quarto, peço que ela vá logo ao banheiro. Ela vai, entra no chuveiro, eu levo-lhe o perfume. Passo os olhos no cardápio, interfono pedindo um prato. Ela sai do banho nua, os cabelos molhados parecendo os de Roberta quando mais nova. As coxas brilham à luz amarela do box. Eu tremo.

Eu a conheci numa noite em que passei no Jumbo, Roberta viajando com a mãe para a casa dos avós, em Taubaté. Ela veio, se aproximou, pediu-me um prato de comida, eu numa mesa de fora, sem ninguém por perto. Desde esse momento fiquei inquieto, achei-a uma garota muito bonita para aquilo. Ela ali, me pedindo um prato, os seios furando a blusa descosturada entre os botões. Ela ali, uma quase menina, me pedindo comida. Eu não pude suportar. Dei-lhe um bife com batatas e, na noite seguinte, voltei ao Jumbo. Ela apareceu novamente, voltei a pagar-lhe a comida, ela disse que dormia ali perto, debaixo do Minhocão, na coluna onde tinha o desenho preto de um olho. Estiquei a vista, vi o olho lá, aberto na penumbra. Na terceira noite tive a idéia de levar a roupa e o perfume de Roberta para ela poder sair comigo, ir a um restaurante discreto. E, assim, ficamos saindo às quartas-feiras, de madrugada,

depois que Roberta e a mãe caem no sono pesado (claro, sempre trago a roupa e o perfume de volta). Sou funcionário da prefeitura e advogado e o escritório onde dou um expediente, na Major Sertório, uma noite foi arrombado, levaram-me a máquina fotográfica que comprei nos Estados Unidos. Fui uma madrugada por lá, parei na esquina, sondei, eu desconfiava de um segurança. Se Roberta acordar (ela e a mãe nunca acordam!) durante as minhas saídas, eu vou dizer que fui dar uma passada no escritório, estava sonhando que tinham arrombado de novo. Roberta vai falar que absurdo, andando a essa hora na rua, mas é a única desculpa que eu tenho. Eu também posso dizer que fui apanhar as pastas de uns inquilinos que esqueci no escritório, eu trabalho às vezes até tarde da noite. Já fiquei madrugadas e madrugadas no computador — e ninguém se moveu em casa. Ana Rita — o nome dela é Ana Rita — me diz, ainda ali na calçada do Jumbo, que veio de Sergipe com o pai pedreiro há três anos. Uma tarde o pai apanhou-a com um frentista na cama, expulsou-a de casa. Ana Rita foi trabalhar numa casa de família na Vila Mariana, o médico seu patrão tentou pegá-la uma noite. Ela foi embora, bateu atrás de um outro emprego, mas não conseguiu nada. Decidida a não mais voltar para Sergipe, passou a viver nas ruas. Ana Rita tem só dezessete anos e, às vezes, encasqueto um pouco por ela perambular por aí. Nesta cidade tem muito vagabundo.

Quando vejo o corpo nu de Ana Rita, fico zozzo. Eu sou um homem de quarenta e seis anos e acho normal sentir o que sinto com uma garota de dezessete. E é por isso que, aqui no motel, depois que ela se banha e se perfuma, agarro-a com firmeza, levo-a para a cama, ela se debatendo, agora não, vamos esperar o..., eu atropelo as palavras dela, eu me tremendo e derrubando-a no colchão, no filme erótico a japonesa sendo penetrada pelo loiro, o besouro tatuado no peito, eu esmagando os lábios de Ana Rita com um beijo, ela voltando a se debater, fechando os braços, agora não, mas eu forço, não, puxo-lhe os braços e já estou dentro dela, gemendo, beijando a sua pele perfumada, agora não, espera, e eu suspirando e mordendo e apertando muito esse corpo miúdo — e já gozando. A campainha toca, abro a portinhola, apanho a bandeja com a comida. Ana Rita se levanta, põe o casaco, se senta na mesinha. E come com vontade, é isto que ela mais quer, comer, traçar o frango assado, se empanturrar com o macarrão, beber o suco com gosto. E Ana Rita está linda assim, comendo e bebendo, os cabelos molhados lembrando os de Roberta mais nova, o casaco pregando-se aos seios. E, vendo as coxas dela com algumas gotas, eu sinto novamente vontade e me encosto outra vez em Ana Rita, me debruço sobre o seu

corpo, ela comendo com sabor, eu tomando-a pelo busto, ela mordendo o frango, eu já duro, roçando-me nas costas dela, ela dizendo espera aí, deixa eu comer primeiro, eu lambuzando-a com o meu líquido, outra vez a vontade doida, ela metendo o tomate na boca, eu me dobrando, o loiro do filme empurrando tudo na japonesa, eu me dobrando mais, fazendo Ana Rita se erguer um pouco e depois ir caindo nas minhas pernas, Ana Rita mastigando e eu me enfiando embaixo dela, ela mastigando e já sentada em mim e eu penetrando-a fundo de novo, ela mastigando, eu fungando, ela mastigando, eu fungando, e afinal gozando, derramando muito, ah, que perfume!

Saio, vou para o chuveiro, Ana Rita fica terminando de engolir a comida. Depois que venho, ela vai se limpar. No filme o loiro borra os lábios da japonesa, o besouro retesado.

Quando deixamos o motel, a madrugada está ainda mais nevoenta. Pergunto se ela ainda quer ir a algum lugar.

— Não.

— Pensei que hoje você queria andar um pouco mais.

— Não, Pedro, me deixe lá...

Acelero o carro, sigo para pegar adiante a rua estreita do depósito. Ela já se habitou a todo final de noite me devolver a roupa e o perfume de minha filha. Paro o carro diante do depósito, fico esperando ela ir se trocar atrás da parede. Sinto um pouco de cansaço. Uma estrela treme entre duas nuvens. Do Tietê sobe o mau cheiro.

(2000)